

ESTE É O PESADELO DO QUAL NÃO CONSIGO LIBERTAR-ME

Dinamitei uma ponte depois dos Acordos de Lusaka

N. (anyl.)
25-6-99
p. 14-15

– Confessa Canumbua Francisco Trinta, especialista em sabotagem, que deitou abaixo a ponte ferroviária Moatize-Mutarara quando a guerra terminara havia dois dias

Alfredo Macaringue

QUANDO em Lusaka a Frelimo e às autoridades portuguesas rubricavam os documentos do cessar-fogo, em 1974, Canumbua Francisco Trinta, hoje com 50 anos de idade, encontrava-se no interior da província de Tete, numa zona operacional em Mutarara. Mal sabia do que estava a acontecer em termos de negociações visando o fim da guerra no país.

Continuava ele um exímio especialista nas técnicas de sabotagem, homem que não regressava à base sem cometer uma proeza na guerrilha. Era certo na sua "arte" e a população das zonas libertadas já o conhecia tão bem que chegou a apelidá-lo com o popular nome de guerra de "homem mágico que derruba comboios à distância".

É assim que ainda é conhecido entre os antigos companheiros de luta na província de Tete.

Mas, como dizíamos, Francisco Trinta regressou eufórico à base, ao que pensava por ter cumprido mais uma missão com êxito, e, junto do seu superior anúncio: "missão cumprida, camarada comandante. Rebentei com a ponte sobre o rio Mujuvo.

Pode ter a certeza que dali amanhã não passará nenhum comboio".

O comandante, Bernardo da Costa Guizalhe, que sabia que havia sido já alcançado o acordo de cessar-fogo havia dois dias, agarrou a cabeça e, virando-se para Trinta, disse: "Fizeste mal, amigo. Já não havia necessidade de dinamitar nenhuma ponte, pois a guerra já terminou e essa ponte vai nos fazer muita falta daqui para frente". Por seu turno, e com algum sentimento de culpa, Trinta respondeu: "Perdoe-me, meu comandante. Foi tudo por falta de informação, pois só agora é que estou a tomar conhecimento de que a guerra terminou".

E nada mais havia a fazer. O mal estava feito. É assim que, passados agora quase 25 anos, Francisco Trinta diz que não se esquece dessa sua acção militar realizada depois do cessar-fogo, e que constitui um dos muitos pesadelos causados pela vida militar.

QUEM É FRANCISCO TRINTA

Canumbua Francisco Trinta é natural de Macanga, em Tete, e muito cedo viveu amparado por familiares, depois



Canumbua Francisco trinta: "o homem mágico que derruba comboios"... (Foto de Carlos Bernardo)

de se consumou a separação dos seus pais. Tinha ele, nessa altura, sete ou oito anos de idade. Como qualquer outro rapaz da sua idade no campo, fez um pouco

de agricultura e tomou conta do gado da família.

É durante a sua juventude, mais ou menos aos 18 anos, que é convidado a ingressar nas fileiras da Fren-

te de Libertação de Moçambique, contactado a partir da sua terra natal. Lembra-se apenas que quem lhe falou da luta armada pela primeira vez foi um comissário po-

lítico de quem hoje só se recorda do seu primeiro nome, David.

Amiúde, o comissário David aparecia em Macanga com a missão de recrutar jo-